

APRESENTAÇÃO

A Revista Interfaces traz, no presente número, os novos rumos da função social da pesquisa que investiga e reflete sobre a sala de aula na universidade e fora dela. Esses novos rumos incluem o vigor intelectual da discussão sobre a capacitação e atualização dos professores, em especial aqueles das escolas da rede pública. Nesse sentido, abre espaço cada vez mais para a troca interdisciplinar em torno da arte e da ciência, além de incluir, também, a troca saudável entre alunos e professores, a reflexão livre, o trabalho gratificante em que todos compartilham do mesmo bem comum que é o desenvolvimento da consciência humana.

Nesses novos tempos, novos rumos estão se impondo para a escola pública, assim como novos paradigmas estão ampliando a nossa antiga noção do que é o ensino e a pesquisa sobre a sala de aula. Nesse sentido, as universidades desenvolvem, com excelência, projetos de investigação sobre o ensino básico nas quais existe a necessidade de grande investimento na pesquisa aplicada voltada para a capacitação de quadros para o mercado de trabalho.

Talvez ainda porque a sala de aula é sem dúvida um dos assuntos discutidos todos os dias em casa, em jornais, livros e outros meios midiáticos. A razão é muito simples. As questões que abrangem a sala de aula e o ensino público, em particular, giram em torno de um grande número de pessoas, além daquelas diretamente envolvidas como estudantes, seus pais e professores; outros interessados, nesse debate, são pedagogos, políticos e pesquisadores que discutem as intervenções e as reformas no âmbito sócio-político-educacional.

Uma das questões de maior importância envolve a pesquisa sobre a formação docente, que vem registrando, ano após ano, um desconforto e uma diminuição crescentes. Certamente, esse latente “estado de crise” afeta a insatisfação com os níveis salariais considerados inadequados para uma categoria da qual se exigiria um ímpeto ético e profissional renovados. Muitas vezes há uma falta de incentivos, mas é claro que se enfrenta uma crise mais geral de identidade e autoridade, ou seja, uma crise de visibilidade social. Isso porque as funções escolares parecem passar do plano cultural (escola como ponto de encontro ao conhecimento do mundo) para o plano simbólico-existencial (a escola como lugar de encontro entre as pessoas, um espaço de reciprocidade e comunicação).

Percebe-se ainda que a sociedade “civil”, que já não é capaz de “dizer não”, pede à escola e aos atores da sala de aula que fortaleçam sua função normativa, não só

no que tange à linguagem, mas também outras recordações recorrentes sobre questões como responsabilidade, comportamento, perfil educacional, plano de vida. A referência à função cultural é vista, nesse sentido, como uma abordagem comportamental, na qual a instrução teria uma função puramente autoritária e performativa, quase inútil e ainda datada. O que conta parece ser a aquisição de “habilidades de vida”, ou seja, um ensino que interaja mais com os mundos vivos dos discentes.

Uma das principais questões, portanto, que estão sendo discutidas e se tentando resolver de alguma forma são os problemas reais do ensino, aqueles que estão na raiz da crise histórica da instituição escolar nas sociedades modernas economicamente avançadas. Os problemas do ensino reverberam não só na reorganização dos ciclos escolares, na forma como os exames são pensados e aplicados, bem como na formação de professores. Eles são atravessados ainda pelas questões econômicas e, muitas das vezes, prejudicando a autonomia escolar. Há ainda as questões referentes à introdução de um sistema de avaliação objetiva válida em todo o plano nacional, com incentivos à produtividade escolar e aos estudantes “capazes e merecedores”.

Todos esses assuntos em torno do ensino escolar são difíceis de resolver, mas, ao se permitir descobrir quais são os verdadeiros problemas da sala de aula e os seus reflexos na formação docente, se envereda em um campo bastante amplo de pesquisa e relatos de prática docente. Nesse sentido, os verdadeiros problemas da sala de aula são muito mais difíceis de resolver; em primeiro lugar, porque são problemas fundamentais, que exigem mudanças radicais nos próprios fundamentos de uma instituição bastante antiga e pouco propensa a modificações. Por outro lado, ainda, as mudanças necessárias para resolver os problemas reais da sala de aula não só investem a escola pública, mas também a sociedade e a cultura fora da escola. E a sociedade e a cultura hoje mudam rapidamente, mas a mudança parece escapar dos esforços dos atores da sala de aula para dirigi-la e governá-la.

A pesquisa sobre o ambiente de aprendizagem “educacional” envereda significativamente para o conhecimento didático e organizacional. Mas também busca significar a redescoberta da centralidade da motivação, cujas emoções buscam dar um “sentido” à experiência escolar (sobretudo para aqueles atores que vivem mal na escola), significando, nesse sentido, construir um cenário de escolaridade positivo, confiável, comunicativo, de suporte e sem esforço. Não se trata de uma genialidade pedagógica, nem de uma fuga romântica inútil, mas de estratégias confiadas à sensibilidade de professores, conforme poderá ser percebido nos artigos desse número.

E, ainda, o presente número traz uma reflexão sobre a fragilidade discente, a insegurança e a necessidade de estratégias de socialização. Pessoas muitas vezes tristes, com novas patologias da alma, afetadas pela potencial redução de léxico e

emoções. É necessário fazê-las viver na escola, ajudando-as a ir além da passividade diária de seus vigilantes.

Ainda há a reflexão sobre os desafios da formação de professores envolvidos em cuidar de seus alunos, profissionais líderes da classe. Professores que consolidam sua biografia profissional inserindo um ciclo de vida de crescimento cultural. A formação inicial é apenas a premissa de ser “professores”. Para se envolver plenamente, é necessário passar por uma variedade de treinamento e experiências profissionais (ensino “normal”, design de oferta de treinamento, pesquisa docente, atualizações e atividades de treinamento, dentre outras). Decisiva, no entanto, é a capacidade de reorganizar e melhorar suas experiências de ensino através de uma abordagem cognitivo-reflexiva que recria recursos cognitivos e emocionais.

O professor, portanto, não é só um *bricoleur*, porque ele não usa apenas repertórios e técnicas sem capitalizá-los, mas reflete sobre práticas com ferramentas conceituais cada vez mais refinadas. O trabalho do professor é um trabalho abrangente. Suas dimensões são definidas pelo conhecimento (habilidades culturais e educacionais), valores (responsabilidades educacionais), reflexão (conscientização profissional).

A dimensão cultural da profissão docente, sem dúvida, inclui o domínio dos núcleos centrais das matérias disciplinares, isto é, do conhecimento básico, das estruturas conceituais, da conexão das informações e das noções relacionadas ao conteúdo disciplinar específico. Tal domínio abrange o tipo de conhecimento processual, imaginativo e representativo, rico em treinamento profissional. É justo pedir aos professores uma maior competência cultural e disciplinar (como parece emergir do trabalho da comissão ministerial responsável pelo estudo dos novos caminhos de treinamento que conduzem ao ensino), mas, se esse “conhecimento” é interpretado como já projetado para a sua capacidade de ensino, e a pedagogia não pode ser superada como uma “conversa” genérica e vaga na educação.

O professor não usa apenas repertórios instrumentais para lidar com o ensino, mas retorna às experiências diárias em termos de reflexividade. Também está voltado para uma forte sensibilidade clínico-pedagógica que lhe permite, por exemplo, “ver” como o contexto implícito da classe condiciona o ensino-aprendizagem dinâmico e questiona as transformações dos alunos a quem ele enfrenta (seu universo comunicativo, nos meios de comunicação de ficção, estilos de vida) e suas necessidades diferenciadas.

As habilidades de ensino envolvem o foco na organização da sala de aula, uso do tempo, formas de agrupamento, dinâmicas relacionais e estilos comunicativos. O professor cria as estratégias para dominar as técnicas de transmissão cultural, comunicação, relacionamento educacional (como lidar com materiais didáticos, como trabalhar com o texto do manual, como melhorar o clima na sala de aula).

Os artigos que aqui se apresentam confirmam o bom incremento das pesquisas desenvolvidas sobre o ensino e a escola pública no âmbito acadêmico. Este número da Revista Interfaces contém, também, o pensamento e a reflexão daqueles que, fora dos muros de nossas universidades, podem trazer a sua brilhante contribuição para os que dentro ensaiam por uma transdisciplinaridade nem sempre possível. A ideia é proporcionar ao espírito dos leitores matéria de enriquecimento, fruição e reflexão da mais alta qualidade.

*Sonia Cristina Reis
Fabiano Dalla Bona*